

A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA SOCIAL DO CANGAÇO NA CULTURA VIEIRENSE.

Stephano Bismark Lopes Cavalcante Moreira

Discentes do curso técnico em Apicultura- IFRN/ Campus Pau dos Ferros

bismark971@hotmail.com

Romualdo Antônio Carneiro Neto

Professor orientador/Polo Universitário UAB/UFRN/Marcelino Vieira

romucarneiro@bol.com.br

Resumo: O cangaço constitui um elemento formador da cultura nordestina. Trabalha-lo como parte da História do Município de Marcelino Vieira é contribuir para a construção da memória social da cultura vieirense. Nesse sentido, a presente pesquisa está apoiada em diversas fontes históricas, tais como: relatos orais produzidos em entrevistas por pessoas que vivenciaram o fato, além disso, o referido trabalho toma como referencial teórico quatro obras. Um tratando da Biografia de Lampião (Lampião, entre a Cruz e a Espada, da autoria de Sergio Dantas), outro sobre a passagem de Lampião no Rio Grande do Norte (Lampião e o Rio Grande do Norte, a História da Grande Jornada, da autoria de Sergio Dantas) e os outros dois que abordam a cultura e a identidade cultural do município de Marcelino Vieira dos autores Valdecir Carneiro do Nascimento, que escreveu “Marcelino Vieira: Sinopse de sua História e Linhagem de Famílias” e João Bosco Queirós Fernandes, que escreveu Marcelino Vieira: Apontamentos para a história do Município. Dentro da historiografia, o município de Marcelino Vieira se torna palco dessa História, tornando-se o primeiro local do Rio Grande do Norte a resistir militarmente à invasão do bando de Lampião, fato que marca a morte de um soldado, José Monteiro de Matos, e a morte de um cangaceiro com o nome “Azulão”. Esse episódio é conhecido como o Grande Fogo da Caiçara, uma memória social, que representa a passagem da horda de Lampião em nosso Estado, porém, muitas das vezes de forma generalizante e sem rigor científico, o que torna necessário estudar as particularidades da passagem do bando de Lampião pelo Rio Grande do Norte, tirando do anonimato personagens e fatos que constroem a memória e a identidade do nosso povo.

Palavra-Chave: Cangaço. Fogo da Caiçara. Identidade.

INTRODUÇÃO

O cangaço foi um movimento social que abraçou um longo período, tendo enraizado no século XVIII, passando pelo XIX e florescendo com notoriedade no século XX, principalmente no período da República Velha (1889-1930). Foi um fenômeno integrado principalmente por sertanejos, muitos motivados por sentimentos de vingança usando de ações ilícitas para fazer justiça com as próprias mãos, diante de uma realidade social onde o poder jurídico era quase inexistente nestes sertões de outrora dominado pelos grandes senhores de terras, que ditavam as regras e os padrões sociais; já outros ingressavam no cangaço como oportunidade de meio de vida, diante de um Brasil de poucas oportunidades e sem comprometimento do estado com as questões sociais.

O fato de um sertanejo tornar-se cangaceiro podia ser visto como uma forma de ascensão social e econômica, como uma forma de defesa das propriedades familiares. O bandido também podia ser um agente intermediário nas relações econômicas regionais, atuando por conta própria ou a mando dos poderosos regionais, neste caso os coronéis latifundiários. (MILITÃO, 2007)

Nesse sentido, mesmo com o nascimento da República em 1889, e os discursos de igualdade de direitos apregoados pelos líderes republicanos, a vida do camponês continuou sob a rígida observância do coronel, que ditava as regras e impunha a obediência do sertanejo aos seus mandos. Tal realidade contribuiu para fomentar a criação de inúmeros grupos de cangaceiros no sertão nordestino. Entre estes grupos destacamos o de Virgulino Ferreira da Silva, terceiro filho de uma família de nove irmãos, nasceu na cidade de Serra Talhada (PE) em sete de julho de 1898, Segundo (Dantas, 2008, P. 6) é um sertanejo comum, igual a tantos outros do seu meio, trabalhador, alternava os afazeres da roça e da cria do gado, com a profissão de almocreve, semanalmente levava em mercadorias no lombo de burro para vender nas feiras das cidades mais importantes de Pernambuco e de Estados vizinhos.

A entrada de Lampião no cangaço se deu por questões particulares, envolvendo a sua família – Os Ferreiras – com a Família de José Saturnino. A causa central da desavença foi o roubo de cabras da propriedade dos Ferreiras por um morador de José Saturnino. A

consequência dessa briga foi o assassinato do pai de Lampião, levando-o a ingressar no cangaço e a querer praticar a justiça com as próprias mãos.

A História de Lampião é muita vasta dentro do estudo do cangaço, tratando principalmente de sua biografia e de fatos históricos vividos nos estados de Pernambuco, Ceará, Alagoas e Bahia. No entanto, quando enfatizamos a sua passagem pelo Estado do Rio Grande do Norte, as referências bibliográficas são escassas, em destaque temos o livro de Sergio Dantas Lampião e o Rio Grande do Norte, respectivamente.

Hoje, essa história, ainda, continua contada e cantada por todos os rincões do alto sertão potiguar, porém, de forma generalizante e sem rigor científico, o que torna necessário estudar as particularidades da passagem do bando de Lampião pelo Rio Grande do Norte, tirando do anonimato personagens e fatos que constroem a memória e a identidade do nosso povo.

Nesse sentido, o município de Marcelino Vieira¹ se torna palco dessa História, sendo o primeiro local do Rio Grande do Norte a resistir militarmente à invasão do bando de Lampião, fato que marca a morte de um soldado, José Monteiro de Matos, e a morte de um cangaceiro com o nome “Azulão”. O confronto da força policial com a horda cangaceira é conhecido na cultura popular como o Fogo da Caiçara. Aliada a essa resistência, a passagem do bando pelo município também foi marcada por invasões a casebres, sequestros e furtos, tudo documentado em um processo crime contra Lampião no ano de 1927, lavrado pelo Juiz de Direito da Comarca de Pau Dos Ferros/RN, José Vicente.

O cangaço constitui um elemento formador da cultura nordestina. Trabalha-lo como parte da História do Município de Marcelino Vieira é contribuir para a construção da memória social da cultura vieirense. Dessa forma, o presente trabalho se propõe a entender os motivos que levou o bando de Virgulino Ferreira a entrar no Estado do Rio Grande do Norte; bem como, compreender a passagem de Lampião no município de Marcelino Vieira, analisando o Combate do Fogo da Caiçara; e ainda, divulgar e estimular o estudo sobre a História da passagem do bando de Lampião no município de Marcelino Vieira, com vistas à produção de materiais científicos para pesquisa, tirando do anonimato os relatos orais.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

¹ O município de Marcelino Vieira, localizado na região do Alto-oeste Potiguar, tem uma população de 8.265 habitantes (IBGE, 2010), apresenta IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de 0.613 (FEMURN, 2012) e uma economia baseada na agricultura familiar.

Nesse sentido, a presente pesquisa está apoiada em diversas fontes históricas, tais como: relatos orais produzidos em entrevistas por pessoas que vivenciaram o fato como é caso do senhor Hermógenes Pontes (in-memória), que em entrevista concedida a TV a Cabo de Mossoró, em 1996, relata a resistência militar de Vitória (hoje Marcelino Vieira) ao bando de Lampião; Bem como, uma reportagem da Inter Tv Cabugi no quadro “A minha Cidade”, no ano de 2012 apresentou, a nível estadual, a passagem do Bando de Lampião no município de Marcelino Vieira.

Além disso, o referido trabalho toma como referencial teórico quatro obras. Um tratando da Biografia de Lampião (Lampião, entre a Cruz e a Espada, da autoria de Sergio Dantas), outro sobre a passagem de Lampião no Rio Grande do Norte (Lampião e o Rio Grande do Norte, a História da Grande Jornada, da autoria de Sergio Dantas) e os outros dois que abordam a cultura e a identidade cultural do município de Marcelino Vieira dos autores Valdecir Carneiro do Nascimento, que escreveu “Marcelino Vieira: Sinopse de sua História e Linhagem de Famílias” e João Bosco Queirós Fernandes, que escreveu “Marcelino Vieira: Apontamentos para a história do Município”. Os livros trazem em anexo um importante acervo fotográfico, com fotos do bando e de personagens que viveram a passagem do bando no Estado do Rio Grande do Norte.

A respeito da História Local, também realizamos uma pesquisa bibliográfica e iconográfica com imagens dos locais por onde o bando passou em terras vieirenses. Realizando entrevistas com os moradores da localidade, que são familiares de personagens que viveram o fato histórico.

O trabalho é de caráter exploratório-descritivo e qualitativo, uma vez que trata de fenômenos das relações humanas, onde o laboratório é a vida (RICHARDSON, 2011).

LAMPIÃO E O RIO GRANDE DO NORTE

A Historiografia mais recente sobre a Invasão do Bando de Lampião no Estado do Rio Grande do Norte apresenta que o plano da invasão foi traçado na Fazenda Aurora, de propriedade do Coronel Isaias Arruda, homem de grande influencia política no Estado do Ceará, com um vasto currículo de atos ilícitos, crimes e “conchavos” com grupos de cangaceiros que atuavam nos sertões cearense, paraibano e potiguar. Foi ele que apresentou, no mês de maio de 1927, Virgulino Ferreira da Silva, o vulgo Lampião, ao cangaceiro potiguar, Antonio Leite Benevides, mais conhecido como Massilon. De plano já acordado

com Massilon, tratou o coronel Arruda de apresentar o empreendimento criminoso a Lampião: atacar o Rio Grande do Norte e assaltar a próspera cidade de Mossoró.

De acordo com (Dantas, 2005, P. 73) a entrada da horda criminosa se deu na madrugada do dia 10 de junho de 1927. Procedendo-se do Estado da Paraíba, a cavalgada cruza a fronteira, adentrando no Estado do Rio Grande do Norte, sob a liderança de Lampião e o guia, sabedor das veredas do estado, o cangaceiro Massilon Benevides. O portal de entrada foi o Pé da Serra do município de Luís Gomes.

O primeiro local de parada foi na Fazenda Baixio, onde se encontrava o casebre de José Leite, pai dos cangaceiros Massilon Benevides e Pinga Fogo. (Dantas, 2005, P. 83) relata que junto deles estavam: Lampião, Sabino, Jararaca, Moreno, Luís Pedro, Virgínio, Vinte e Dois, cangaceiros que faziam parte do bando. Nesse reencontro, teria o pai de Massilon feito um único apelo: que não invadisse a propriedade do Coronel Moreira, a Fazenda Nova, pois o mesmo era seu padrinho de batismo. Entretanto, Segundo depoimentos colhidos por (Dantas 2005, P. 91) e registrados em seu livro, a Fazenda Nova, de Joaquim Moreira, um senhor de oitenta e quatro anos foi invadida, o coronel foi preso e sequestrado pelo bando. Estava ele escondido entre os canaviais.

Posteriormente as cenas se repetiam da mesma forma, roubando o sossego dos moradores potiguares, sempre com o mesmo interesse: o econômico, para garantir rendas para bancar o empreendimento em curso.

A partir daí, o bando articulava a sua adentrada no alto oeste potiguar, amontoando informações de José Leite e demais moradores. A ideia de Massilon era andarilhar rumo a serra de Martins, evitando a Estrada Real (hoje é a BR405, que liga os estado da Paraíba e o Rio Grande do Norte) até chegar à cidade de Mossoró, evitando assim caminhos mais transitáveis que poderia despertar a atenção das forças policiais, bem como, garantir segurança ao bando nos grotões das serras.

A nova investida do bando, após o êxito da Fazenda Nova, o grupo de cangaceiros invadiram a Fazenda Aroeira, de propriedade de José Lopes. A fazenda era conhecida na região pela sua prosperidade agrícola e pecuária. No momento da invasão se encontrava Maria José, esposa do Coronel Lopes, a mesma estava apenas com as criadas. Massilon era um velho conhecido de Maria, haja vista, em certa noite a proprietária da casa lhe havia negado dormida. Depois de uma vistoria na área, o temido cangaceiro amarrou Maria José e a colocou provisoriamente na garupa do cavalo do Coronel Joaquim Moreira. A invasão a casa de José Lopes está registrada no Processo Crime contra Lampião, lavrado pelo Juiz de Direito José Vicente, no ano de 1927.

Por volta de treze horas e trinta minutos, depois do ataque a Aroeira, os discípulos de Lampião entram no sítio Carnaubinha, onde segundo (Dantas,2005, P.100) quatorze cabras comandado por Sabino Gomes, dirigiam-se em préstito a Vila Vitória (Atual Marcelino Vieira-RN), no entanto, uma “forqueadura” na estrada fez com que o cortejo parasse. Francisco Galdino – refém que servia de guia desde a Fazenda Nova – explicou que uma levava em direção a fazenda Ema, de Antônio Batista Maia, onde por pouco não foi alcançada pelo bando, pois Massilon conhecia e sempre recebeu apoio daquele coronel, a sua orientação foi seguir rumo a Vitória. Percebe-se, portanto, que Massilon também se beneficiara com a presença de Lampião, uma vez que, era ele quem escolhia as fazendas de ataques, oportunizando-o a praticarem certas vinganças particulares. Após ensinar o caminho Francisco Galdino foi liberado.

CHEGADA DO BANDO NO SÍTIO PANATÍ E NO SITIO JUAZEIRO

Nesse novo caminho, Sabino Gomes, homem de confiança de Lampião autorizada dividia os seguidores em pequenos grupos de dois ou três, no intuito de saquear o máximo possível as vivendas e os casebres que se encontravam às margens da estrada. As cenas se eclodiam de forma rápida, as casas sempre atacada uma após a outra. No sítio Panatis, a casa de Antônio Florêncio de Souza, foi saqueada, o proprietário estava na sala com sua mãe e uma irmã. O trio de bandoleiros arrombou a porta da frente, fazendo pressão exigindo dinheiro. Na busca gananciosa dentro do seu lar, exultaram a encontrar duas pistolas *mauser* e uma cartucheira com dezoito balas. Tais informações estão registradas no processo Crime Contra Lampião.

Passando por diversas casas a quais elencamos algumas das mais importantes para a construção de uma memória social.

“Desapeando” no Sitio Juazeiro, propriedade próxima a Panatís, roubaram dinheiro e objetos das casas de Manoel Ferreira de Lima e José Moisés. Da residência de Manoel José da Silva foram subtraídos cinco anéis de ouro e uma medalha, os estrangeiros ameaçava levar consigo a sua filha Maria da Glória, de dezoito anos, após as suplicas, desistiram do desejo. O agricultor Pedro Quinco a busca de caça para a sobrevivência da família também foi alvo do bando, o sertanejo encontrava-se com uma espingarda, a mesma que foi tomada.

CHEGADA A FAZENDA CAIÇARA DOS TOMÁS

Neste interine seguiram em direção a Fazenda Caiçara onde um dos objetivos do bando era chegar à propriedade de Francisco Tomaz de Aquino, haja vista que o mesmo era uma dos mais abastardo por ali, o mesmo não se encontrava em casa. Sua esposa, Maria de Jesus, foi aprisionada, os bandoleiros ébrios se apossaram de: Joias de ouro, medalhas, roupas, alpercatas, arreios para animais, selas, três uniformes de brim.

Enquanto os discípulos de mantinham alheios a brincadeiras, Lampião expirava ar de preocupações, já que, em muitos as notícias da sua entrada já se espalhara pelo sertão potiguar.

Por volta de quinze e trinta, já no sítio Caiçara, os bandoleiros aprisionaram Antônio Dias de Aquino, três bandidos agarraram-se com o fazendeiro, que diante da confusão queria fugir, foi quando um cangaceiro lhe perguntou sobre a presença de armas naquela região, tomado pelo medo, segundo (Dantas, 2005, P. 104) Aquino teria respondido que não tinha, pois todos os armamentos daquela região estavam em Vitória, fazendo piquete para receber o bando, ele ainda acrescentou que havia muitos homens, e que seu numero era mais de sessenta. Verdade ou não o dizer de Aquino aos cangaceiros, boatos e conversas sobre a presença do bando na região já tomavam de conta, desde cedo, a Vila de Vitória, os assaltos e sequestros das fazendas Nova e Aroeira eram os conteúdos mais conversados na vila.

Nesse sentido, o Coronel José Marcelino de Oliveira, proeminente líder do lugar, logo comandava os preparativos para a resistência armada, a qual foi a primeira cidade a combater civilmente o bando.

OS PREPARATIVOS E O GRANDE FOGO DA CAIÇARA

O tempo, passava-se depressa, já era nove e meia da manhã, quando chegava na vila o Tenente Napoleão de Carvalho Agra, da policia militar do estado. Recebera a incumbência de organizar as forças armadas, os moradores voluntariamente os moradores se alistava desprezando a formalidade. Havia quase vinte soldados, eram muitos os homens, surgindo à necessidade de automóveis – raridade na vila – para transporta-los, no entanto só havia um disponível, o de Álvaro de Andrade, farmacêutico em Pau dos Ferros. O tenente Agra tinha certeza que poderia dispor de mais dois veículos, oriundos de comerciantes na Vila de Alexandria.

A comunidade se reunia no largo central para acompanhar a formação da milícia. Presentes estavam os soldados José Monteiro de Matos, Francisco Sales, Tenente Agra e o soldado João Porfirios e mais alguns cidadãos da vila que se dispusera a enfrentar a horda.

No total, três veículos partiram para o local conhecido como Caiçara dos Tomás, e em pouco tempo a tropa se deparou com o grupo de cangaceiro que seguia caminho rumo à cidade de Mossoró. O barulho dos automóveis chamou a atenção dos cangaceiros, que previamente se organizaram para o combate inevitável. Logo o combate se iniciou e a caatinga se acinzentou com a queima da pólvora dos rifles e espingardas dos dois grupos em guerra.

Foram mais de 30 minutos de plena troca de tiros, os cangaceiros em maior número e treinados na guerrilha da caatinga pôs a frota militar ao recuo, porém, no combate acabaram padecendo o soldado José Monteiro de Matos e um cangaceiro, mais conhecido como azulão. Ambos foram deixados no local do fogo, e só apenas no dia seguinte, 11, o coronel José Marcelino e mais alguns cidadãos foram ao local e se depararam com os corpos. Depois do combate, o bando seguiu caminho até a Fazenda Lajes, pernoitando no local chamado de Lajedo do João Brandinho. Hoje, o local onde ocorreu o famoso confronto militar com o bando de Lampião se encontram submerso pelas águas do açude caiçara, reservatório que abastece o município de Marcelino Vieira. No ano de 1961, por ordem do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Governador Dinarte Mariz, e do Prefeito Municipal de Marcelino Vieira, Romualdo Carneiro do Nascimento, foi erigido um mausoléu em homenagem ao soldado morto no confronto contra o bando de Lampião. Através deste tributo, é celebrada uma homília, A MISSA DO SOLDADO, todo dia 10 de junho, bem como, é realizada nesta data um musical chamado “O Auto da Vitória”, que conta a história da resistência vieirense ao bando de Lampião.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Estudar a História do Cangaço nos permitiu compreender fatos relacionados à História do Banditismo Social no Brasil, em destaque entender a figura de Virgulino Ferreira da Silva e as circunstâncias que o levou a ingressar no mundo do cangaço, mas também, a sua vida como um “fora da lei” e as suas andanças pelo sertão nordestino, em particular, no Estado do Rio Grande do Norte. Neste palco potiguar, pudemos nos debruçar em Histórias e Estórias orais sobre a invasão do bando de Lampião em nosso estado, em caráter especial, a sua passagem em terras vieirenses, no dia 10 de junho de 1927, onde pudemos registrar fatos como o Fogo da Caiçara, as mortes do soldado José Monteiro de Matos e do cangaceiro azulão, as casas que ainda testemunham a passagem e guardam registros da época da invasão como as marcas das bocas de fuzis dos cangaceiros, e na atualidade, a memória da resistência

patrimonizada pelo ritual popular que celebram a missa do soldado todo dia 10 de junho e as preces invocadas no mausoléu erguido em sua homenagem. São fatos que ganham notoriedade para a construção da identidade do povo vieirense.

Buscamos ao longo da feitura desse artigo, trazer para o nosso leitor algumas das trilhas as quais usamos para a construção dessa temática. Apesar de existir uma vasta bibliografia sobre o estudo do cangaço, principalmente sobre a figura de Lampião, entretanto, os municípios, ainda, carecem de estudos sobre a produção de história local, que associem seus fatos a contextos historiográficos presentes na História do País e do seu Estado, relegando o seu protagonismo e o seus feitos para a construção identitária da sociedade brasileira. Dessa forma, explicitamos a História do Município de Marcelino Vieira como parte da História do Brasil, em especial do Rio Grande do Norte, ao mencioná-la como pioneira na resistência militar a invasão do bando de Lampião no Rio Grande do Norte.

Apesar do enfoque sobre o Fogo da Caiçara, há de se estudar mais sobre a passagem do bando no município, aflorar pesquisas sobre outras invasões e saques nas comunidades rurais, ouvir novos testemunhos, levantar novos fatos que estão no anonimato e estimular atividades pedagógicas a serem desenvolvidas nas escolas como exposição de fotos e peças museológicas, criação de documentários, produções de textos e poesias, visitas aos locais da passagem do bando, dentre outras.

FONTES:

- Processo Crime contra Lampião, 1927.
- Documentário da Inter Tv Cabugi – Minha Cidade, 2012.
- Entrevista com Hermógenes Pontes, concedida a TV a Cabo de Mossoró, no ano de 1996.

REFERENCIAS

DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Lampião e o Rio Grande do Norte: A história da grande jornada.** Natal: Cartgrat Gráfica Editora, 2005. 454 p

DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Lampião: Entre a Espada e a Lei.** Natal: Cartgrat Gráfica Editora, 2008. 340 p.

FERNANDES, João Bosco Queiroz. **Marcelino Vieira: Apontamentos para a história do Município.** Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2000. 167 p.

Militão, Marcello André **POR QUE VIRGULINO TORNOU-SE LAMPIÃO: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE PODER NO NORDESTE BRASILEIRO DURANTE A PRIMEIRA REPÚBLICA.** 2007. 45f. Monografia (Especialização) – Curso de Historia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

NASCIMENTO, Valdecir Carneiro do. **Marcelino Vieira: Sinopse de sua História e Linhagem de Famílias.** Campina Grande: Gráfica Marcone, 2002. 386 p.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas.** São Paulo: Atlas, 2011.

Anexos:



Lampião. Fonte: Dantas (2005).



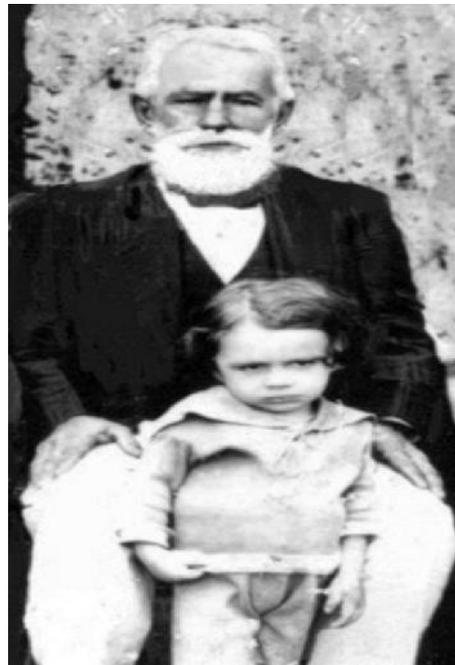
Massilon Benevides. Fonte: Dantas (2005).

Maria José, sequestrada pelo bando de pelo Bando de Lampião. Fonte: Dantas (2005).

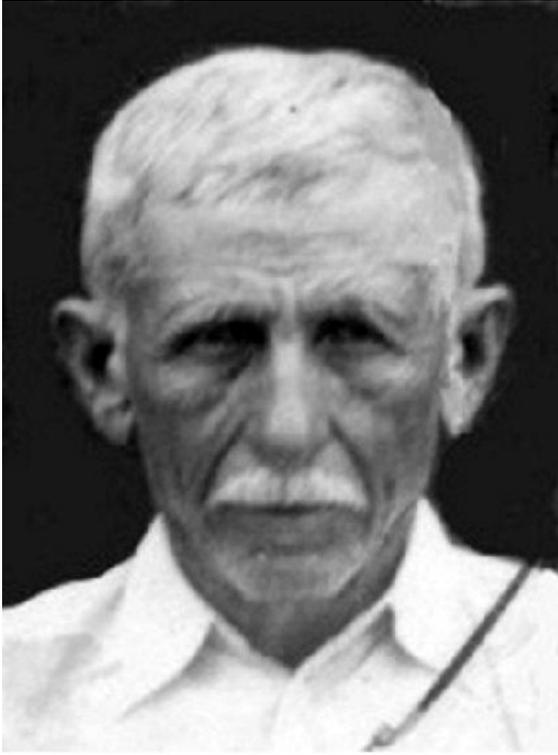




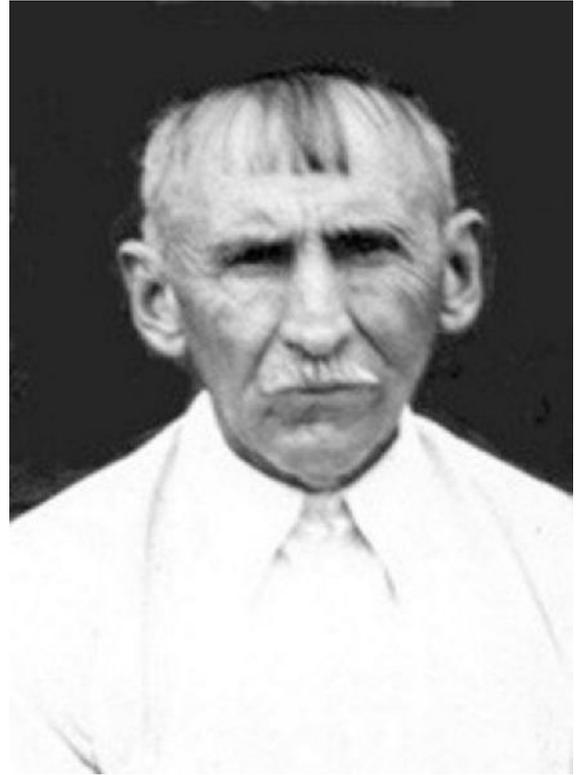
Mausoléu do Soldado José Monteiro de Matos. Fonte: Dantas (2005).



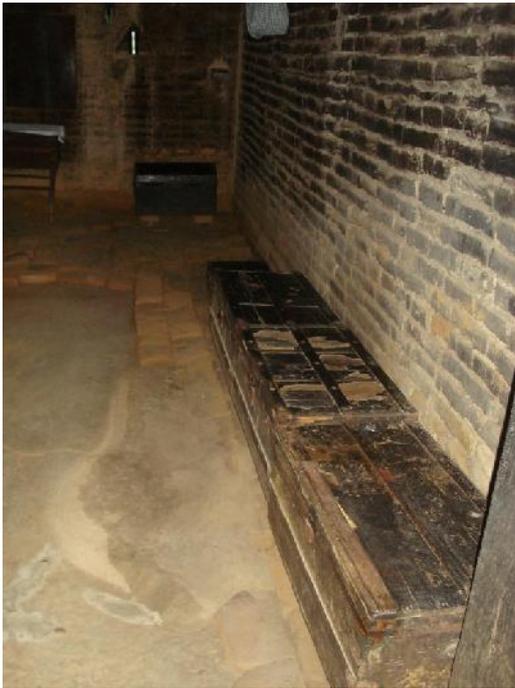
Coronel Joaquim Moreira, sequestrado pelo bando de Lampião na Fazenda Nova. Fonte: Dantas (2005).



Pedro Quinco, que teve sua arma captada pouco antes do fogo da caiçara.
Fonte: Dantas (2005).



Antônio Dias de Aquino raptado pelo bando no sítio Caiçara. Fonte: Dantas (2005).



Baús da época dos saques do bando de Lampião, no Sítio Caiçara.

Arquivo Pessoal: Romualdo Carneiro.



Soldado João Porfírios (João da Cruz).
Arquivo Pessoal: Romualdo Carneiro.



D. Francisca, Parente de Pedro Quinco e
Antônio Dias de Aquino. Arquivo
Pessoal: Romualdo Carneiro.

Coronel José Marcelino de Oliveira,
Principal responsável pela organização de
piquetes e trincheiras na antiga Vila
Vitória (Hoje Marcelino Vieira) Por
consequente o bando não invadiu o
povoado. Fonte: Dantas (2005).





Antiga casa de Pedro Quinco. Arquivo Pessoal: Romualdo Carneiro.



Capela de Santa Luzia no sítio Caiçara. Aqui é celebrada missa do soldado.

Arquivo Pessoal: Romualdo Carneiro.



Marcas de Bocas de Fuzis, na casa de Pedra no sítio Panatis

Arquivo Pessoal: Romualdo Carneiro.